

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



JUVENTUDES RURAIS E COLONIALIDADE DO IMAGINÁRIO SOBRE O CAMPO: estereótipos, territórios e identidades¹

Rainei Rodrigues Jadejiski²

Resumo: Este texto discute as juventudes rurais a partir de perspectivas decoloniais, problematizando estereótipos que marcam o imaginário social sobre o campo no Brasil. Argumenta-se que as juventudes rurais não podem ser definidas apenas pelo local de residência, mas também pelos vínculos materiais e simbólicos que estabelecem com os territórios rurais. Com base na literatura sobre juventudes rurais e territorialidades, analisa-se como representações sociais produzem uma colonialidade do imaginário sobre o rural, associando-o ao atraso e deslegitimando modos de vida camponeses. Defende-se que a Educação do Campo pode contribuir para a desconstrução desses estereótipos e para o reconhecimento das juventudes rurais como produtoras de territorialidades e protagonistas de seus projetos de vida.

Palavras-chave: Camponeses. Estigmatização social. Hierarquias simbólicas. Ruralidades. Territorialidades juvenis.

RURAL YOUTHS AND THE COLONIALITY OF THE IMAGINARY ABOUT THE COUNTRYSIDE: stereotypes, territories and identities

Abstract: This paper discusses rural youth from decolonial perspectives, problematizing stereotypes that shape the social imaginary about the countryside in Brazil. It argues that rural youth cannot be defined solely by place of residence, but also by the material and symbolic ties they establish with rural territories. Based on the literature on rural youth and territorialities, the text analyzes how social representations produce a coloniality of the imaginary about the rural, associating it with backwardness and delegitimizing peasant ways of life. It argues that Rural Education can contribute to the deconstruction of these stereotypes and to the recognition of rural youth as producers of territorialities and protagonists of their life projects.

Keywords: Peasantry. Social stigmatization. Symbolic hierarchies. Ruralities. Youth territorialities.

¹ Este trabalho é desdobramento da tese “Juventudes Rurais e Territorialidades” (Jadejiski, 2014).

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Interessa-se pela pauta das diversidades e da inclusão em suas múltiplas expressões, bem como por temas relacionados à decolonialidade, à Educação do Campo, às juventudes rurais, aos territórios e às territorialidades. raineirj@gmail.com.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**JUVENTUDES RURAIS Y COLONIALIDAD DEL IMAGINARIO SOBRE EL
CAMPO: estereotipos, territorios e identidades**

Resumen: Este texto discute las juventudes rurales desde perspectivas decoloniales, problematizando los estereotipos que marcan el imaginario social sobre el campo en Brasil. Se argumenta que las juventudes rurales no pueden definirse únicamente por el lugar de residencia, sino también por los vínculos materiales y simbólicos que establecen con los territorios rurales. A partir de la literatura sobre juventudes rurales y territorialidades, se analiza cómo las representaciones sociales producen una colonialidad del imaginario sobre lo rural, asociándolo con el atraso y deslegitimando modos de vida campesinos. Se sostiene que la Educación del Campo puede contribuir a la deconstrucción de estos estereotipos y al reconocimiento de las juventudes rurales como productoras de territorialidades y protagonistas de sus proyectos de vida.

Palabras clave: Campesinos. Estigmatización social. Jerarquías simbólicas. Ruralidades. Territorialidades juveniles.

(RE)INICIANDO O DIÁLOGO

As juventudes rurais no Brasil têm sido historicamente marcadas por representações sociais que associam o campo ao atraso, à pobreza e à ausência de perspectivas de futuro. Essas representações produzem estereótipos que contribuem para estabelecer hierarquias simbólicas entre campo e cidade, nas quais o urbano aparece vinculado ao progresso e à modernidade, enquanto o rural é percebido como espaço de carência ou de limitação. Esses imaginários influenciam percepções sociais, políticas públicas e trajetórias individuais, afetando diretamente as identidades e os projetos de vida de jovens que mantêm vínculos com o meio rural.

Nesse contexto, compreender as juventudes rurais exige problematizar as representações que incidem sobre os territórios do campo e sobre os sujeitos que neles vivem. Este trabalho tem como objetivo discutir alguns estereótipos associados ao campo e aos camponeses, refletindo sobre suas implicações para a construção das identidades juvenis e para as territorialidades produzidas por jovens que se reconhecem como rurais. Parte-se da compreensão de que as juventudes rurais não podem ser definidas apenas pelo local de residência, mas também pelos vínculos que estabelecem com o campo.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



JUVENTUDES RURAIS E TERRITORIALIDADES: DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS JUVENIS

A literatura sobre juventudes rurais tem enfatizado a necessidade de reconhecer a heterogeneidade das experiências juvenis no campo. Weisheimer (2015) argumenta que não existe uma única juventude rural, mas diversas juventudes, marcadas por diferentes trajetórias sociais, formas de inserção no trabalho, processos de socialização e relações com o território. A homogeneização dessas experiências, presente em análises generalizantes sobre o rural, contribui para invisibilizar as múltiplas formas de viver a juventude no campo.

Essa diversidade também se expressa nas diferentes formas de vínculo que os jovens mantêm com o meio rural. Embora muitos estudos definam juventude rural exclusivamente a partir do local de residência, essa perspectiva tende a restringir a compreensão das experiências juvenis. Há jovens que residem em pequenas cidades ou em áreas classificadas como urbanas, e que mantêm fortes vínculos com o campo, seja por meio de relações familiares, seja por práticas culturais, atividades produtivas ou trajetórias de vida. Nesses casos, a identificação com o rural não depende de dimensões simbólicas e afetivas associadas ao pertencimento ao campo.

Wanderley (2007) destaca que as pequenas cidades, sobretudo em municípios de menor porte, compartilham características sociais e culturais do mundo rural. Esses territórios revelam que as fronteiras entre campo e cidade são mais porosas do que muitas classificações administrativas sugerem. O rural e o urbano, nesse sentido, constituem dimensões interdependentes de uma mesma dinâmica territorial.

Nessa perspectiva, compreender as juventudes rurais implica reconhecer que os territórios não são apenas espaços físicos onde a vida acontece, mas também construções sociais e simbólicas que influenciam identidades, práticas e formas de pertencimento. Como observa Haesbaert (2023), os territórios são caracterizados por relações de poder e por processos de produção de sentidos que delineiam as formas de viver e interpretar o

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



espaço. Para as juventudes rurais, essas territorialidades se constroem tanto nas experiências cotidianas nos territórios do campo quanto nas interações mediadas por tecnologias digitais, que ampliam as possibilidades de circulação de informações, identidades e referências culturais.

Nesse contexto, as juventudes rurais não devem ser compreendidas apenas como habitantes de determinados territórios, mas também como sujeitos que produzem territorialidades. Por meio de suas práticas culturais, de suas redes de sociabilidade e de suas trajetórias escolares e profissionais, os jovens participam da construção e da transformação dos territórios nos quais vivem.

ESTEREÓTIPOS SOBRE O CAMPO E A COLONIALIDADE DO IMAGINÁRIO RURAL

Apesar da diversidade das experiências rurais, persistem no imaginário social brasileiro representações que associam o campo ao atraso, à ignorância ou à falta de oportunidades. Essas representações produzem estereótipos que reforçam hierarquias simbólicas entre campo e cidade, contribuindo para deslegitimar modos de vida, saberes e práticas culturais associados ao rural. Nesse sentido, tais representações podem ser compreendidas como parte de um processo mais amplo de produção de hierarquias sociais que classificam sujeitos, territórios e modos de existência.

Essa dinâmica dialoga com o conceito de colonialidade do poder, proposto por Aníbal Quijano, que evidencia como a modernidade produziu sistemas de classificação social que hierarquizam populações, saberes e territórios. Segundo Quijano (2007), a colonialidade não se restringe ao período histórico do colonialismo, ela permanece operando na organização das relações sociais e na produção de hierarquias culturais e epistemológicas. Nesse processo, determinados modos de vida são considerados superiores, enquanto outros são desvalorizados ou considerados atrasados.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



No caso dos territórios rurais, essas classificações também se expressam na forma como o campo é representado socialmente. O rural, demasiadas vezes, aparece associado à ideia de atraso ou de inferioridade em relação ao urbano, produzindo uma hierarquia simbólica que contribui para invisibilizar a diversidade de experiências sociais produzidas no campo. Assim, é possível falar em uma colonialidade do imaginário sobre o campo, que opera ao deslegitimar saberes, culturas e práticas associadas às ruralidades, ao mesmo tempo em que valoriza modelos urbanos e modernizantes de desenvolvimento.

Nesse debate, Catherine Walsh (2007) destaca que a colonialidade também se manifesta na produção de conhecimentos e na forma como determinadas perspectivas são consideradas legítimas, enquanto outras são marginalizadas. A autora chama atenção para a necessidade de reconhecer epistemologias e experiências que historicamente foram silenciadas ou subordinadas por lógicas de poder que privilegiam visões hegemônicas de mundo. Ao trazer essa reflexão para o debate sobre o campo, torna-se possível questionar as representações que reduzem o rural a um espaço homogêneo e inferiorizado, desconsiderando as múltiplas formas de vida e de produção de conhecimento presentes nesses territórios.

Essas representações podem ser observadas em diferentes esferas da vida social, incluindo produções literárias, discursos midiáticos e expressões culturais que reforçam estereótipos sobre os sujeitos do campo. Um exemplo emblemático pode ser identificado na figura do personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato (cf. Lobato, 1973) no início do século XX. Na narrativa, o personagem é retratado como preguiçoso, ignorante e incapaz de transformar sua própria realidade, contribuindo para consolidar uma visão estigmatizada do camponês e do território rural.

Essa representação pode ser compreendida como parte de um conjunto de discursos que contribuíram para difundir visões estereotipadas sobre o campo, reforçando a ideia de que o progresso estaria necessariamente associado à urbanização e à adoção de padrões de vida urbanos. Ao mesmo tempo, ela invisibiliza a diversidade de experiências rurais e os modos de vida produzidos nos territórios do campo.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



(IN)CONCLUINDO O DIÁLOGO

A discussão realizada evidencia que os estereótipos sobre o campo continuam presentes no imaginário social brasileiro, produzindo efeitos concretos sobre as identidades e as trajetórias das juventudes rurais. Essas representações, muitas vezes naturalizadas, contribuem para reforçar hierarquias simbólicas entre campo e cidade e para invisibilizar a diversidade de experiências produzidas nos territórios rurais.

Ao problematizar essas representações, torna-se possível reconhecer as juventudes rurais como sujeitos que produzem territorialidades e constroem identidades em diálogo com diferentes contextos sociais, culturais e tecnológicos. Nesse sentido, a Educação do Campo pode contribuir para a desconstrução da colonialidade do imaginário sobre o campo, contribuindo para valorizar os territórios rurais e para reconhecer as juventudes como sujeitos de direitos e protagonistas na produção de seus territórios.

REFERÊNCIAS

HAESBAERT, Rogério. Território. **GEographia**, Niterói, v. 25, n. 55, p. 1-7, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/61073>. Acesso em: 15 mar. 2026.

JADEJISKI, Rainei Rodrigues. **Juventudes rurais e territorialidades**. Vitória/ES, 2024. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2024. Disponível em: <https://dspace4.ufes.br/items/d2dca164-1b53-40a1-8a5e-22f2580faa1b/full>. Acesso em 16 mar. 2026.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 35. ed. São Paulo: Fontoura, 1973.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 93-126. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/09/El-giro-decolonial-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2026.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 47-62. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/09/El-giro-decolonial-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WEISHEIMER, Nilson. Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais. **Juventude.br**, [S. l.], p. 93-96, 2015. Disponível em: <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/229>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. *In*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.